

MICROSCÓPIO

À medida que se vai aproximando a vitória, mais numerosas e insistentes se fazem as especulações relativas ao destino da Alemanha. Que fazer com ela depois de vencida? — esta é a pergunta a que se dão as mais variadas respostas, desde a que lhe preconiza a fragmentação e o desaparecimento, até a que sem reservas a admite como membro democrático da comunhão internacional.

A mim, porém, me parece inepta semelhante questão. O que, antes de mais nada, cabe indagar é o gênero de organização que se vai dar ao mundo após a guerra. Sómente depois de esboçado o quadro geral, é que nele se poderá definir claramente a situação particular dos vencidos.

Assim, se nada se quer mudar na face do mundo e se pretende preservar a civilização com o precário e contraprodcente sistema de alianças, então o proposto aniquilamento da Alemanha será apenas uma loucura para ilustrar a fundamental insânia dos estadistas que decidirão dos destinos da humanidade. Nada se alterará fundamentalmente e, dentro de alguns lustros, teremos fatalmente nova e mais desastrosa guerra.

E, se o que se pretende é criar uma nova era de paz e segurança, não é com regimes de exceção que ela se há-de alcançar, mas com uma tal organização internacional que seja capaz de corrigir e conter os excessos e desvarios, tanto da Alemanha, como de qualquer outra nação, que venha a desmandar-se.

Por isto digo eu que não adianta indagar o que fazer da Alemanha, enquanto as nações aliadas não souberem o que fazer de si mesmas e do mundo.